

O QUE OS RICOS SABEM
E
NÃO CONTAM

Aitor Zárate

O QUE OS RICOS SABEM E NÃO CONTAM

Tradução de
André Marcelo

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros
Rua Garrett, n.º 19 – 2.º A
1200-203 Lisboa – Portugal
Tel. 213 404 060
Fax 213 404 069
www.esferadoslivros.pt

Distribuição: Sodilivros, SA
Praceta Quintinha, lote CC4 – 2.º Piso R/c e C/v
2620-161 Póvoa de Santo Andrião
Tel. 213 815 600
Fax 213 876 281
geral@sodilivros.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Título original: *Cambio de vida: cómo me hice rico*

© Aitor Zárate, 1998

© A Esfera dos Livros, 2008

1.ª edição: Janeiro de 2008

Capa: Companhia
Fotos da Capa:

Tradução: André Marcelo (Vernáculo, Lda)
Revisão: Maria do Mar Liz
Paginação: Júlio de Carvalho
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos
Depósito legal n.º
ISBN:

ÍNDICE

Introdução	9
Capítulo 1: Vou Ajudá-lo!	19
Capítulo 2: O que é e por que é mal visto ser rico? Diferenças entre Portugal e os EUA	27
Capítulo 3: Onde quero chegar?	35
Capítulo 4: Que tipo de rendimentos recebo? «A senda do borrego»	39
Capítulo 5: O que sou, funcionário ou empreendedor?	45
Capítulo 6: Como Gasto? Tipo de despesa e alavancamento ..	49
Capítulo 7: Estou financeiramente educado?	57
Capítulo 8: Onde está o risco, no investimento ou no investidor?	59
Capítulo 9: O que é o triângulo do investimento?	65
Capítulo 10: Onde estão os 10% da minha casa?	71
Capítulo 11: <i>Time Sharing</i> : boa alternativa	79
Capítulo 12: Acções, fundos de investimento e «hedge funds» .	83
Capítulo 13: Os futuros: o produto mais eficiente	93
Capítulo 14: Sabe o que é um passivo?	113
Capítulo 15: Quero ser a minha SS do meu PPR!	123
Capítulo 16: A minha história	131

Capítulo 17: O que é mais fácil, ganhar dinheiro ou não o perder?	161
Capítulo 18: Como pagar menos impostos?	165
Capítulo 19: Nunca é tarde. Mude a sua mente, mude a sua vida!	169
Capítulo 20: A Despedida	171
Capítulo 21: Como pôr tudo isto em prática?: sozinho ou acompanhado	175

INTRODUÇÃO

O meu nome é Roberto Santa Rita e sou rico.

Nasci em Lisboa há quarenta anos, meço um metro e oitenta e cinco, sou moreno, tenho olhos verdes e estou a ficar careca, razão pela qual rapo o cabelo, visto quase sempre estilo desportivo e de cor preta, trago sempre um relógio *swatch*, faz agora exactamente doze anos que não uso gravata e confesso-vos que para voltar a usá-la teriam de utilizar o corpo dos *marines* dos Estados Unidos para me convencerem.

Hoje em dia resido na agradável cidade francesa de San Juan de Luz, muito perto da fronteira espanhola, num «modesto» *loft* minimalista onde tenho tudo aquilo de que preciso. Reconheço que sou austero, mas a verdade é que não me falta nada.

Este dado da minha residência é conhecido por poucas pessoas, apenas o conhece o casal que vive ao lado e que nos vendeu o espaço que foi acondicionado em forma de *loft*.

Em Lisboa, que é onde consta que desenvolvo a minha actividade, toda a gente pensa que vivo na Lapa, mas na realidade não é assim.

Já vos darei mais detalhes quando chegar a nossa visita.

Ter um *loft* sempre foi um dos meus sonhos, durante muitos anos, o único sonho, até que um dia, embora ainda não tivesse o dinheiro suficiente, decidi que tinha chegado o momento e ia pôr mãos à obra para o conseguir.

O meu carro é um... não, ainda não! Direi mais adiante.

O sítio onde vivo com a Helena, a minha namorada, é uma espécie de cilindro de dois pisos separados por um chão de vidro que separa o primeiro do segundo piso, dando-lhe um efeito visual de que todos os móveis se encontram suspensos no ar. Estando no piso de cima, temos a sensação de estar a flutuar no ar e quando olhamos para cima a partir do piso de baixo, temos a sensação de estar num espaço gigantesco.

No piso de baixo temos: a minha cozinha industrial (adoro cozinhar e nela estão todos os utensílios que possa imaginar), a sala, e uma pequena divisão onde desenvolvo a minha actividade (não considero que tenha um trabalho), da qual se irá inteirar.

No piso de cima está o quarto principal, a casa de banho e o ginásio.

Como pode comprovar, não tenho quarto de hóspedes nem qualquer outra divisão, apenas o necessário; mas esse sim, espaçoso, 400 metros quadrados, para ser preciso. Todas as divisões da minha casa têm vista para o mar através das enormes janelas de vinte metros cada uma.

A única forma de entrar pela entrada principal ao *loft* (para nós as traseiras) é de carro.

Na nossa garagem há sempre dois carros: um Golf descapotável, modelo 1974, que é o que utiliza a Helena, e o meu, que como lhe disse antes, ainda é muito cedo para revelar a marca.

Esta ideia de colocar a garagem na fachada principal e não ter porta de acesso é um zelo especial que temos pela nossa privacidade, depois de todos os anos de festas e de jantares que oferecemos a todos os nossos amigos e que para ser sincero, me fizeram ser um pouco menos sociável.

Se pelo contrário, queremos entrar pela praia (para nós a verdadeira porta principal), há uma pequena escadaria que nos traz directamente ao piso de baixo do *loft*. Sinceramente, acho que o arquitecto que nos propôs a ideia era um génio.

Neste momento são dez para as oito da manhã de uma sexta-feira qualquer, estou sentado num cadeirão cómodo a olhar para o mar enfurecido, e o dia está enublado.

Estou calmo, a tomar um café e à espera da minha visita (não gosto de lhe chamar cliente) que pretende que lhe conte a minha história, como cheguei até aqui em tão pouco tempo, doze anos, para ser exacto, já que diz pretender seguir o meu caminho e que quer que eu o baptize antes de se lançar no escuro.

Realmente disse-lhe que era rico? Não, não tenho Alzheimer. Claro que me lembro de o ter dito, mas é para lhe recordar que este livro versa sobre isso (o que é preciso fazer e o que não é, para o conseguir, pelo menos o que eu fiz): tornar-se rico em dinheiro, conhecimento e tempo.

A relação entre o processo até à sua perseguição e à melhoria pessoal, tem um vínculo estreito, embora agora não o veja.

Não se esqueça leitor: durante o tempo em que permanecer a ler este livro, pense que é a visita que estou prestes a receber.

Imagine que vai ficar sentado à minha frente durante este fim de semana que aí vem, tendo a oportunidade de me colocar todas as perguntas e dúvidas que lhe surjam (não permitirei que a visita saia de casa sem ter ideias claras sobre todos os conceitos que abordaremos e que foram fundamentais para passar a ser uma pessoa financeiramente normal, tal como você, a conseguir primeiro a independência financeira e acabar por se converter num homem rico... não só em dinheiro, mas também em conhecimentos, cultura, inteligência emocional e o mais importante, em tempo).

Que acha da ideia? Gostava de tentar? Sente-se capacitado?

Continue e já o comprovaremos juntos. Se no final do livro decidir que quer tentar mas não sabe como começar, não se preocupe que eu ajudo-o.

A minha visita vai ter a oportunidade única de me ter em exclusivo para ele, sorte que ultimamente não há muita gente que tenha, de forma que espero que aproveite a ocasião.

«Aproveita que a vida é curta e quem não a aproveita é um tonto», diz a minha mãe.

Dou por certo que José Martins, assim se chama a minha visita, aceitará de bom grado os meus conselhos (para isso é que vem!, não?), mas pelo sim pelo não, colocar-lhe-ei uma série de regras que terá de observar e respeitar enquanto aqui estiver.

Antes que ele chegue, e para adiantar, embora depois as vá repetir: esqueça as crenças financeiras, antigas e obsoletas, que tem na cabeça (tudo o que nos ensinaram desde pequeninos, e na universidade, e aquilo com que nos bombardeiam diariamente em todos os meios de comunicação). Quase tudo é mentira.

Estou a ver a sua cara de espanto ao ler as últimas linhas e nem sequer o vou deixar opinar: se está aqui, e estou certo que a seguir em fila indiana todas as ideias que lhe ensinaram sobre o mundo do dinheiro até à data, é óbvio que não o conseguiu obter.

Vou mostrar-lhe o caminho, o meu, aquele que sei que funciona. Certamente há outros caminhos para chegar ao mesmo sítio, mas uma coisa é certa: a minha visita quer conhecer o meu caminho.

Não se preocupem, não há problema, tudo tem arranjo.

Para assimilar estas novas ideias, para além de esquecer as velhas, há que abrir a mente; caso contrário não conseguiremos nada.

Uma das chaves para resolver um problema é saber qual é o problema e o que queremos resolver.

Assim, estabelecemos aqui um objectivo: veremos como funciona de verdade o mundo do dinheiro e as suas regras. A partir daqui terá a faca e o queijo na mão: o que decidir é coisa sua (embora lhe tenha dito que lhe oferecia a minha ajuda).

Confio em si! Esqueçamos as ideias velhas e prossigamos!

É curioso, desde que empreendi, há alguns anos, o caminho que me iria levar onde hoje me encontro, sempre tive bem claro que no momento em que conseguisse o meu objectivo, iria mostrá-lo a toda a gente que estivesse interessada em conseguir o mesmo.

Sempre pensei, ao contrário do que pensa muita gente, que para receber, primeiro é preciso dar.

Vou-vos contar um segredo: a vida e a perseguição da independência financeira são um caminho de crescimento pessoal e o processo de aprendizagem deve ser tomado como um jogo.

Vai-nos ajudar a melhorar a nossa inteligência emocional e forma física e mental.

Far-nos-á aprender que é absolutamente estúpido entregar o nosso precioso tempo, que como veremos é o nosso maior activo, por troca de dinheiro, e que é muito mais inteligente investi-lo a ganhar dinheiro para que no final seja ele que trabalhe para nós e não o contrário.

Para ter a maravilhosa oportunidade de experimentar todas estas sensações absolutamente apaixonantes é preciso mexer-se, arriscar (veremos que o maior risco que existe é não nos movermos, ficarmos parados e não fazer nada).

Comprovaremos que não é arriscado o que se faz mas sim quem o faz. Se quer conseguir coisas que valham a pena... mude e arrisque! Se não, apenas terá mediocridade.

Já dizia o meu pai: «Somos o que fazemos e se não fazemos não somos.» Um fulano esperto, o meu pai.

Não quero que pensem que é fácil, já que requer um certo esforço, perseverança, disciplina e um plano, mas é muito divertido, e para além do aspecto económico, requer que a pessoa dê o melhor de si.

Dito isto, quero que saibam que toda a gente o pode fazer, toda a gente: apenas é preciso querê-lo de verdade.

Se queremos triunfar no plano financeiro e pessoal, cada vez que o caminho se bifurcar deveremos tomar aquele que tem mais espinhos.

A maioria das pessoas toma o caminho das rosas e a maioria das pessoas não o consegue... Toda a gente quer coisas fáceis e, deixem-me que vos diga: «o fácil não vale a pena».

Desta forma, preparem-se para mudar!

Já sei, esperam que lhes mostre uma forma de ganhar dinheiro, que também farei, mas não servirá de nada se não melhorarem as vossas aptidões, a vossa cultura, a vossa inteligência emocional, em suma, se não melhorarem como pessoas.

Cada caso é único: há pessoas que querem alcançar a independência financeira, ser ricos ou apenas mudar a estrutura à qual designo APRG (Activos, Passivos, Receitas e Gastos). Para todos eles tenho fórmulas e ideias.

No final do livro podem encontrar toda a informação necessária a propósito deste assunto.

Voltando ao meu pai, ele dizia sempre que estamos neste mundo para aprender e melhorar. É isso mesmo, José Martins vai começar a melhorar a partir de hoje! É para isso que vem, certo?

* * *

Toca a campainha e a Helena já foi abrir a porta. É a nossa visita, sem dúvida. Vamos recebê-lo como deve ser.

– Bom dia, Helena – disse José no umbral da porta.

– Bom dia, deve ser o José.

– Sim.

– Vamos para a sala. O Roberto está à sua espera.

Ao chegar à sala, Roberto levantou-se de repente.

– Bom dia, José.

– Prazer em conhecê-lo, Roberto.

– Sente-se, e se achar bem, vamos começar.

Não sei se vos disse, mas sou uma pessoa directa e não gosto de perder tempo.

– Perfeito! – respondeu José, mostrando a sua ânsia por começar quanto antes.

Depois de termos falado do tempo, da família e de todas as frases feitas que se costumam utilizar nestes casos e do José me ter explicado como tinha sabido da minha existência, disse-lhe que havia uma série de regras de cumprimento obrigatório para o tempo que íamos passar juntos.

– Primeira regra: Esqueça todas as suas ideias antigas e obsoletas sobre o mundo do dinheiro, já que, razão pela qual está aqui, até à data ainda não o levaram a lado nenhum.

– Que começo! – exclamou Helena. – Deixa-o respirar!

– Tenho razão? – perguntou Roberto.

– Suponho que sim – respondeu José.

– Então prossigamos. Segunda regra: abra a mente, vai ouvir ideias que chocarão frontalmente com tudo o que lhe foi incutido e que conhece, terá uma estranha sensação de desorientação, a sua mente tentará negar a entrada destas ideias que serão provas de que você, o «grande» José Martins, esteve a vida toda enganado e isso dói muito. Não se preocupe, tudo tem solução.

– De acordo.

– Terceira regra: Eu ensino e você aprende. É uma coisa muito fácil de entender, mas muita gente não o quer aceitar e por isso fracassa no mundo da aprendizagem. Se uma pessoa recorre a outra para receber ensinamentos, não pode pretender dar aulas ao mestre, sempre que este seja obviamente bom.

– Está claro.

– Quarta regra: pode perguntar tudo o que quiser, mas procure interromper-me o menos possível – acrescentou Roberto, enquanto Helena entregava a José uma caixa de lápis e um bloco de folhas –, escreva as suas ideias e quando terminar a minha exposição pergunte o que quiser. Não permitirei que saia da minha casa com uma única dúvida.

José não disse nada, apenas anuiu com a cabeça.

– E a última regra: quando sair daqui, faça o que quiser, mas dentro da minha casa está sob as minhas ordens.

– Também está claro.

– José, quero esclarecer antes de começar que elimino a possibilidade de ser rico através de jogos de sorte, já que pressupõe uma certa matemática que é impossível, actividades fraudulentas, tal como casar-se com uma pessoa que seja milionária. Fica claro?

– Absolutamente claro.

– Falo de, partindo da nossa situação actual e utilizando o nosso talento, chegar ao objectivo que estabeleçamos com uma série de acções que estão ao alcance de todos. Falo de modificar as práticas e as relações que habitualmente temos com o dinheiro, já que, se persistirmos nelas, é absolutamente impossível alcançar a independência financeira e muito menos ser rico. Ir-lhe-ei contando a minha história, real como a própria vida, iremos abordando aspectos importantes, passo a passo, e no final falaremos de como o fiz. Alguma pergunta antes de começar?

– De momento, nenhuma.

– Roberto, não te estás a esquecer de nada? – perguntou Helena.

– Claro, o que faria sem ti! Disse Roberto, tirando uma caixa de marfim debaixo do cadeirão onde se encontrava e entregando-a a José em câmara lenta e com um ar cerimonioso.

– É para mim?

– Sim, mas não a abra.

– Que tem? – perguntou José ansioso.

– Contém uns cartões que lhe servirão de guia para conduzir a conversa e voltar a direccioná-la no caso de nos perdermos. Cada cartão tem um título, quase tantos como temas, já que, quando chegarmos

ao tema «Como consegui»... terão terminado os cartões. Antes de iniciar cada tema, abrirá a caixa e tirará um só cartão, lerá o título e segundo o que lhe pareça, far-me-á uma pergunta e a partir daí prosseguiremos. Entendido?

– Absolutamente! – disse José energeticamente, demonstrando o seu entusiasmo. –Vamos passar um bom bocado!

– Garanto-lhe: tem de ser um jogo. As crianças adoram jogar e quando o fazem, não só se divertem como também nos ensinam que este é um sistema maravilhoso para aprender.

– Certo.

– Antes de começar a extracção dos cartões, e em primeiro lugar, os três aspectos mais importantes para triunfar em algo na vida são bastante simples...

– Nesta casa tudo parece simples! – exclamou a visita.

– A verdade é que essa é a melhor virtude do Roberto, embora às vezes seja um pouco «intenso» – afirmou Helena.

– Tudo é sempre muito mais simples do que parece, e com certeza, mais do que a Humanidade se empenha em fazer crer. Primeiro aspecto: precisamos de fazer alguma coisa diferente, quanto mais nos diferenciarmos do que faz a maioria, melhor. Segundo – disse Roberto quase sem respirar – devemos concentrar todos os dias a nossa mente nos objectivos que queremos alcançar.

– Para isso teremos de estabelecê-los – disse José.

– Exactamente!, mas isso aprenderemos mais adiante.

– E o terceiro é... – começou a Helena.

– Falhar! – terminou Roberto.

– Como vamos começar a falar de fracasso? – perguntou José perplexo. – Achava que estávamos aqui para triunfar e ser ricos.

– Para saber onde queremos chegar – disse Roberto, enchendo-se de paciência – quase sempre, para não dizer sempre, há que falhar uma ou outra vez, o que nos serve, embora agora não o veja, para identificar o nosso «verdadeiro» objectivo, já que o que nos vem à mente pela primeira vez não costuma estar bem definido e a maioria das vezes carece de conteúdo. Com certeza que quem não tenta não falha, quem não falha não ganha, quem não ganha não consegue os seus objectivos e isso, meu amigo, aqui e hoje, não nos interessa de todo.

Muita gente com quem falo quer saber o final, como o fiz, quer construir o telhado antes de cimentar e isso, até eu, que não percebo nada de construção, sei que é impossível. Recorde outra frase a não esquecer: «a paciência é dinheiro». Siga a ordem que tracei, que preparei com custo para si, já que, quem sabe, se não o fizer conforme estabeleci..., talvez não o consiga nunca. A organização dos cartões e o tema do fracasso, serve-nos para dar lugar ao cartão 1 e determinar algo muito importante que lhe vou explicar depois desta pausa que dedicaremos a provar o chá verde que a Helena nos traz.

